

3. Análise de Dados

Esta etapa da pesquisa contempla tanto a observação do jogo da capoeira e seu conseqüente levantamento dos aspectos culturais referendados na base teórica quanto o levantamento das respostas aos questionários aplicados aos capoeiristas estrangeiros.

3.1. O PL2E e o povo brasileiro segundo os capoeiristas de Manhattan

A faixa etária dos entrevistados, cuja idade média aferida foi de 33 anos, e a sua experiência com o aprendizado de outras línguas, pois a maioria já usava o Inglês ou o Espanhol como pelo menos Segunda Língua fez com que certas crenças levantadas acerca da aprendizagem de idiomas fossem refutadas ou ignoradas pelos entrevistados, como podemos verificar na tabela a seguir, cujos dados expressos foram gerados de acordo com a metodologia escolhida, cf. 2.8.2.

TABELA 3

Afirmação	Média
O português é uma língua muito complicada.	2,40
Quase ninguém fala o português corretamente.	2,20
Viver no Brasil é suficiente para aprender português.	3,60
É possível aprender o português em pouco tempo.	3,73
Viver no Brasil vai me possibilitar aprender toda a língua portuguesa.	3,13
Saber português é ouvir uma música e traduzi-la simultaneamente.	2,73
Saber falar português é falar depressa.	2,07
Saber português é poder traduzir de imediato um texto (oral ou escrito).	3,33
Saber falar bem é falar sem sotaque.	2,80

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

As afirmações que foram refutadas tiveram escore médio inferior a 2,5, uma vez que o número 2 na escala empregada indica **discordo** e o número um, **discordo totalmente**. As crenças de que “O português é uma língua muito complicada.”, “Quase ninguém fala o português corretamente.” e “Saber falar português é falar depressa.” obtiveram médias 2,4, 2,2 e 2,07, respectivamente.

As demais afirmações que apresentaram valores entre 2,5 e 3,5 foram consideradas ignoradas pelos entrevistados, conforme a expressão **não sei**

atribuída ao escore 3, como já fora explicitado anteriormente. Assim, “Viver no Brasil vai me possibilitar aprender toda a língua portuguesa.”, “Saber português é ouvir uma música e traduzi-la simultaneamente.” E “Saber português é poder traduzir de imediato um texto (oral ou escrito).” ficaram nesta faixa de acordo com a tabela 3.

Por outro lado, podemos considerar que a crença de que viver no país da língua-alvo é o suficiente para aprendê-la foi confirmada pelos respondentes. Na escala de respostas, onde o valor 3 representa **não sei** e o 4, **concordo**, o valor médio de 3,66 demonstra essa tendência, uma vez que nove entrevistados marcaram o escore 4 ou 5 (**concordo totalmente**).

Outra constatação foi a de que é possível aprender Português em pouco tempo segundo os capoeiristas de Manhattan. O escore médio chegou bem perto de 4 (3,73), o que pode ser corroborado pela marcação do escore 4 ou 5 por 10 dos 15 respondentes.

Podemos afirmar que havia grande maturidade dos entrevistados com relação à aprendizagem de uma língua estrangeira, pois não foram corroboradas certas crenças com relação à aprendizagem do português provavelmente devido à condição de que a maioria dos respondentes informou já dominar pelo menos uma segunda língua.

Com relação à velocidade de aquisição do português e ao contexto de imersão, é possível relacionar a avaliação positiva com a experiência dos capoeiristas que não possuem a Língua Inglesa como língua materna, mas vivem nos EUA. Provavelmente, eles desenvolveram suas habilidades em Inglês num curto espaço de tempo em função da imersão.

Ainda sobre a Língua Portuguesa especificamente e sobre a língua materna de cada capoeirista, foram feitas duas afirmações acerca da importância de cada uma delas no mundo globalizado.

TABELA 4

Afirmação	Média
Minha primeira língua tem um grande valor no mundo globalizado	4,13
O português tem um grande valor no mundo globalizado	3,8

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

Apesar do aparente empate, duas japonesas e um filipino marcaram o escore 2 (discordo) para as suas línguas maternas, enquanto para a Língua Portuguesa, não houve nenhuma marcação abaixo de 3 (não sei), o que evidencia a valorização do Português no mundo, pois nenhum dos entrevistados chegou a negar a importância da língua no mundo globalizado.

Finalmente, recortaremos o principal questionamento deste bloco de afirmações sobre o aprendizado de PL2E: a motivação. Ao partirmos do pressuposto de que a capoeira foi o canal que viabilizou o contato com a língua, quão motivados os capoeiristas estão em aprendê-la?

TABELA 5

Afirmação	Média
Eu gosto de aprender Português	4,86
Para ser honesto, eu não quero realmente aprender Português	1

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

Podemos afirmar que todos os entrevistados estavam altamente motivados a aprender Português. O escore 1 (discordo totalmente) foi marcado por todos os respondentes e apenas um não marcou o escore 5 (concordo totalmente), porém, aquele que não o fez, marcou 4 (concordo). Assim, podemos concluir que a capoeira de fato cumpre o papel de divulgadora/disseminadora da língua portuguesa tão celebrado por capoeiristas e por meios de comunicação especializados.

Os trinta e seis adjetivos selecionados na pesquisa de Berwig (2004), que na ocasião visavam a mensurar os estereótipos culturais em relação aos brasileiros foram mantidos no nosso questionário, porém, aqui com o objetivo de identificar quais características da sociedade brasileira já levantadas pelos autores pesquisados foram assimiladas pelos capoeiristas entrevistados. No apêndice, o gráfico completo com a média das respostas.

A partir da descrição etnográfica do jogo da capoeira, os adjetivos serão reagrupados em função da característica levantada e outras questões respondidas tabuladas para a mesma finalidade.

3.2. A Capoeira e o Tempo

Como fora observado no capítulo 2, o Brasil é adepto do tempo policrônico. Sociedades com noção de tempo policrônico possuem indivíduos que executam muitas tarefas simultaneamente e estabelecem profundas relações pessoais independentemente do ambiente.

Portanto, ao jogar capoeira, qualquer aprendiz se submete a tais características, uma vez que a definição de um bom capoeirista contempla habilidades diversas que se acumulam concomitantemente. A cantiga “Capoeira de verdade”, muito entoada nas rodas de capoeira corrobora essa afirmação.

Se você faz um jogo ligeiro
dá um pulo pra lá e pra cá
não se julgue tão bom capoeira
que a capoeira não é tão vulgar

Para ser um bom capoeirista
pra ter muita gente que lhe dê valor
você tem que ter muita humildade
tocar instrumentos, ser um bom professor

O capoeira faz chula bonita
canta um lamento com muito emoção
quando vê seu mestre jogando
sente alegria no seu coração

Ele joga angola miudinho
se a coisa esquenta não corre do pau
Tem amigos por todos os lados
um grande sorriso também não faz mal

Isso é coisa da gente
ginga pra lá e pra cá

mexe o corpo ligeiro a mandinga não pode acabar

isso é coisa da gente
ginga pra lá e pra cá

mexe o corpo ligeiro a mandinga não pode acabar

isso é coisa da gente,
ginga pra lá e pra cá
(Mestre Fanho).

Interpretando a cantiga, é possível enumerar as diversas habilidades que um capoeirista deve possuir, tais como: jogar com destreza física e movimentos

acrobáticos “Se você faz um jogo ligeiro / dá um pulo pra lá e pra cá”; dominar a parte musical, na qual é importante “tocar instrumentos [...]” e “canta[r] um lamento [ladainha] com muito emoção” e ainda compor cantigas, também conhecidas por **chulas**: “O capoeira faz chula bonita”; além de ser adaptável de acordo com a situação na roda: “Ele joga angola miudinho / se a coisa esquentada não corre do pau”.

Por todo o exposto, e pela própria descrição do jogo da capoeira, é possível afirmar que tal superposição de tarefas em tal dinâmica confirma o fato de tal característica de tempo policrônico da sociedade brasileira possa ser vivenciada pelos praticantes da capoeira, mesmo que inconscientemente.

Outro aspecto observado com relação ao tempo policrônico diz respeito ao estabelecimento de profundas relações pessoais independentemente do ambiente. Na mesma cantiga, tal característica é evidente quando se afirma que o “capoeira de verdade” “Tem amigos por todos os lados / um grande sorriso também não faz mal”.

Nos questionários aplicados, ao responder sobre o povo brasileiro, o adjetivo **amigável** obteve escore médio de 3,93, corroborando a visão de Hall.

3.3. A Capoeira e o Espaço Pessoal

A descrição do jogo da capoeira no capítulo 2.7 fornece elementos que podem comprovar que a diminuição da bolha invisível proposta por Hall, típica de culturas como a brasileira, está presente na dinâmica de interação entre os capoeiristas.

Apesar de a prática da capoeira em princípio remeter a um jogo de corpo no qual os jogadores não se tocam, além de o contato físico acontecer eventualmente, tanto de forma involuntária como voluntariamente, a proximidade em que os capoeiristas devem jogar, também aproxima o jogo a esta característica típica da cultura brasileira.

Quanto mais próximos os jogadores estiverem, maior destreza demonstram e mais valorizado é o jogo que fazem às vistas dos demais integrantes da roda. É comum que se ouçam além das palmas e do canto interjeições que exprimem o

espanto da plateia diante da iminente possibilidade de um choque devido à tamanha proximidade de um golpe.

A forma como Frigerio (1989) descreve características da capoeira como a **complementação** e a **importância do ritual**, indica que uma distância maior imposta culturalmente a um praticante de capoeira estrangeiro deve ser ignorada pelo mesmo, uma vez que estar próximo e se tocar é parte do jogo.

Ao descrever a complementação, o autor argentino discorre sobre o fato de a movimentação de cada capoeirista acontecer em função do deslocamento do outro e afirma que se joga “sempre perto do rival e respondendo a seus movimentos através de ataques, defesas e contra-ataques” (FRIGERIO, 1989, p. 86).

Ainda é possível citar a **chamada** ou **passo a dois**, uma interrupção momentânea do jogo na qual um dos jogadores faz uma menção corporal dentro de um código da capoeira convidando o outro para caminhar sob sua regência pela roda até o recomeço da movimentação ordinária do jogo. Neste momento, os capoeiristas tocam as mãos, os ombros, quase se abraçam ou até se agacham em posição de desvantagem de acordo com a solicitação do capoeirista, como podemos ver nas três imagens a seguir.

Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fonte: Disponível em <http://thecapoeirablog.wordpress.com/2008/05/22/what-is-the-chamada-in-capoeira-angola/> Acessado em 26/03/2013.

O domínio deste diálogo corporal representado pela chamada faz parte de outra característica da capoeira segundo Frigerio, a importância do ritual. Um capoeirista que desconhece os códigos, os gestos ou as expressões empregadas em um jogo e que devem ser complementadas seguindo determinada forma, pode ser ridicularizado.

Não se pode ser bom angoleiro [capoeirista especialista na modalidade Angola] quando não se sabe direito quando sair do pé do berimbau, que gestos invocando proteção se realizam antes disso, ou como se faz adequadamente uma "pedida de aú". A infração a estas regras provocará gestos de desaprovação entre os assistentes, ou o infrator será ridicularizado (FRIGERIO, 1989, P. 86).

Algumas afirmações relacionadas à interação entre capoeiristas e/ou brasileiros, pois os mesmos foram agrupados em função das similaridades entre o comportamento dentro da capoeira e na sociedade brasileira, compõem o questionário aplicado com a finalidade de mensurar a percepção dos praticantes de capoeira entrevistados acerca deste aspecto da cultura brasileira.

TABELA 6

Afirmação	Média
Capoeiristas e brasileiros tocam-se uns aos outros bastante quando estão conversando.	3,27
Capoeiristas e brasileiros usam o corpo todo para se comunicar.	4,33
Capoeiristas e brasileiros mexem muito os braços e as mãos.	4,13
Capoeiristas e brasileiros olham nos olhos.	4,13

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

A gesticulação abundante do brasileiro e o contato ocular direto foram corroborados pelas respostas, ao alcançarem escore superior a 4 (concordo). A questão do toque durante a interação foi ignorada, uma vez que o escore 3,27 indica **não sei**.

Olhar no olho e gesticular bastante durante o jogo são características da capoeira que são encorajadas por seus mestres. E, de fato, são aspectos presentes nas interações entre brasileiros. O aluno deve ser capaz de demonstrar ou esconder suas intenções durante o jogo valendo-se de sua movimentação. Além de, ao mesmo tempo ler a do seu oponente.

A questão de encostar um ao outro enquanto se conversa talvez não tenha sido percebida porque além de o toque não ser muito frequente no jogo, as interações entre os capoeiristas fora da roda acabam seguindo os padrões da cultura na qual estão inseridos. Neste caso, os próprios professores não eram brasileiros, e numa conversa gravada, o professor americano de capoeira exemplificava a estranheza que os moradores de Nova Iorque tinham aos seus beijos e abraços logo quando voltara do Brasil.

Podemos concluir a partir da observação do jogo e do que foi aferido nos questionários que existe uma linguagem corporal ensinada pela capoeira que reflete a linguagem corporal do brasileiro.

3.4. A Capoeira e o Contexto

Associar a capoeira à comunicação de alto contexto típica da sociedade brasileira também é possível através de uma observação pormenorizada do jogo e de uma interpretação de algumas letras de cantigas que o norteia.

Retomando aspectos da definição de Hall, observamos uma grande variedade de informações não vinculadas no código linguístico como distanciamento ou proximidade entre os falantes, faixa etária, status, linguagem corporal e ambiente.

A partir da descrição o jogo da capoeira percebe-se que muitos elementos devem ser levados em conta para que o mesmo ocorra de acordo com o contexto. A finalidade da roda de capoeira já pode ser considerada um balizador para as ações que se sucederão em seu interior. Uma apresentação pública já pressupõe movimentos mais plásticos e total ausência de violência ao passo que uma roda espontaneamente organizada ou ainda preparada por capoeiristas para receber outros apresentará jogos mais tensos e objetivos.

Independentemente disso, até porque outras artes marciais diferenciam suas exibições de suas competições, o jogo em si e a dinâmica da roda proporcionam a qualquer integrante de qualquer nacionalidade uma experiência de comunicação (o jogo) de alto contexto (a roda e seus elementos).

O ritmo proposto pelo berimbau gunga e as letras cantadas são responsáveis diretos pelo comportamento que deve ser apresentado pelos jogadores, pois as “cantigas são usadas para descrever a energia da roda, para controlar os impulsos dos jogadores, para expressar a opinião dos mestres e para complementar os movimentos dos jogadores” (BARBOSA, 2005, p. 80). Essa é a principal razão pela qual estrangeiros se interessam pela língua portuguesa.

Funcionam assim como um elemento moderador de ânimos na roda e como um espaço linguístico de mediação, admoestando os jogadores quando o jogo começa a ficar violento ou quando

os jogadores se perdem em manobras meramente competitivas ou exibitórias (BARBOSA, 2005, p. 80).

A indiretividade presente nas relações sociais entre os brasileiros é parte do Jogo da Capoeira que, ao contrário de outras artes marciais, não demonstra claramente a sua vocação para o ataque ou para a defesa. Toda a teatralidade presente no jogo e a interação com o ritmo e o canto fornecem muitos elementos a serem observados. Dessa forma, jogar capoeira, por si só, já é uma experiência comunicativa de alto contexto.

A indumentária específica, a velocidade do jogo, a existência ou não de golpes contundentes, a realização ou não de movimentos acrobáticos e/ou aéreos, a permissão para bater palmas e cantar, a escolha dos jogadores, dos cantadores e dos tocadores entre outros fatores estão presentes na dinâmica da Capoeira.

Exemplos como os de cima reverberam no capoeirista uma característica típica do brasileiro: ser situacional. Assim como o brasileiro se comporta de diferentes formas em diferentes contextos, mestres propagam aos seus discípulos que “um bom capoeira é feito um camaleão, muda de cor conforme a razão”.

As cantigas abaixo corroboram essa conclusão, como podemos ver a seguir. As definições de capoeira como “mato” e como “de matar” já demonstram que a roda de capoeira para exportação se difere da genuína roda brasileira.

Capoeira pra estrangeiro
Meu irmão
É mato! [refrão]
Capoeira brasileira
Meu compadre
É de matar! [refrão]
(Domínio Público)

Ô, meu mano, o que foi que tu viu lá?
Eu vi capoeira matando, também vi Maculelê
Capoeira!
É jogo praticado na terra de São Salvador [refrão]
(Domínio Público).

Da mesma forma, a segunda cantiga também afirma duas situações distintas: ver “capoeira matando”, representando o jogo violento e o “Maculelê”, uma dança festiva criada nos canaviais brasileiros que embora associada à capoeira, não possui nenhuma objetividade marcial.

3.5. Capoeira: um jogo multiativo

A sociedade brasileira está situada, como já fora explanado no capítulo 2, numa das extremidades do diagrama de Richard Lewis. Trata-se de uma cultura multiativa, com traços de cultura reativa.

Com a finalidade de mensurar as características da sociedade brasileira relacionadas nas dimensões de Lewis que de fato foram transferidas ao ritual da Capoeira, recorreremos às suas cantigas.

A questão da hierarquia pode ser medida pela valorização da figura do mestre de capoeira. Ele é o detentor do saber ao qual só se pode acessar através do mesmo. No jogo da capoeira, na roda propriamente dita, é o responsável por empunhar o berimbau mais grave (gunga), por ditar o ritmo e a duração dos jogos.

Numa cantiga de domínio público, muito cantada nas rodas, um trecho em especial, em itálico, corrobora a importância do mestre.

Oi, sim, sim, sim (coro)
 Oi, não, não, não (coro)
*Se meu mestre diz que sim,
 quem sou eu pra dizer não*
 (Domínio Público).

Da mesma forma, outra quadra de domínio público confere ao mestre a função de transmitir conhecimento e uma destreza ímpar nos seus movimentos.

Sou discípulo que aprendo
 Sou mestre que dou lição
 Na roda da capoeira
 Nunca dei meu golpe em vão

A lealdade, característica marcante nas culturas multiativas, aqui se vê em cantigas relacionadas ao mestre, especificamente, ou ao grupo de capoeiristas que se faça parte.

O meu mestre foi seu Bimba
 Tenho orgulho de dizer
 Estou sempre preparado
 Se precisar lhe defender
 (Camisa e Sol).

Capoeira que pula moita
 Sem saber pra onde vai

Para mim é um filho perdido
 Andando sem destino
 A procura de um pai
 Esquecer suas raízes
 E até quem lhe ensinou
 Pulando de grupo em grupo
 Querendo ser professor
 Olha aqui meu camarada
 Agradeça ao seu mestre
 E a capoeira que tu aprendeu
 Assim diz o velho ditado
 Nunca cuspa no prato que você comeu
 Vai vai vai
 Vem vem vem
 Capoeira que pula moita
 Ele nunca vai ser ninguém, ora vai.
 (Mestre Barrão).

Ao mesmo tempo em que o discípulo está sempre preparado para defender a honra do mestre na primeira cantiga, a segunda repudia veementemente a substituição de um mestre por outro, atribuindo uma característica familiar, também típica das culturas multiativas, à relação entre mestre e aluno “Para mim é um filho perdido / Andando sem destino / A procura de um pai”.

Também aos representantes das culturas multiativas são atribuídas características que as levam a serem consideradas falantes, questionadoras e calorosas.

Os capoeiristas são convidados a participar ativamente da roda, mesmo que não estejam jogando ou tocando um instrumento. Cantar as músicas e bater palmas são funções fundamentais de todos os presentes na roda. Quando tudo funciona harmonicamente com perfeição, acredita-se que o jogo flui melhor. A essa energia positiva conseguida através desses elementos, os capoeiristas denominam **axé**.

A busca constante por esse bem-estar, por essa energia positiva e agradável doutrina os participantes da roda a terem sempre uma atitude falante (na verdade “cantante”) e calorosa, e, ao mesmo tempo, constitui uma obrigação comum a todos os participantes, característica da cultura reativa, que, por sua vez promove a harmonia coletiva. E pode ser solicitada em qualquer tempo pelo mestre, ou ainda pelas cantigas:

Cruz Credo, Ave Maria
 Quanto mais eu cantava

Ninguém respondia
 Cruz credo, Ave Maria
 Essa roda é de mudo e eu não sabia
 Cruz credo, Ave Maria
 Vou levar todo mundo pra delegacia
 Cruz credo, Ave Maria
 Eu rezava de noite, eu rezava de dia
 Cruz credo, Ave Maria...
 (Domínio público)

Bate palmaê ê ê
 Bate palmaê ê ê
 Bate palmaê, bate palmaê
 Que eu quero ver
 (Ferradura).

Aproximando capoeiristas e brasileiros nos questionários aplicados, foram feitas as seguintes afirmações com a finalidade de verificar se os praticantes de capoeira de várias nacionalidades entrevistados em Manhattan já percebiam as características descritas anteriormente. Na mesma tabela, foram incluídos adjetivos que se associavam ao mesmo recorte cultural apresentado.

TABELA 7

Afirmação	Média
Capoeiristas e brasileiros gostam de cantar alto.	4,33
Capoeiristas e brasileiros precisam de fundo musical.	3,00
Capoeiristas e brasileiros estão sempre felizes.	3,67
Musical	4,3
Festeiro	4,2
Extrovertido	4,13

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

A percepção positiva a respeito do fenômeno descrito anteriormente só não foi corroborada ao se afirmar sobre o fundo musical, embora incontestemente na capoeira, estender como uma característica da sociedade brasileira pode ter sido demasiadamente precipitada de nossa parte.

Cantar alto e ser musical são características que imediatamente corroboram a questão do axé proposta anteriormente. Os adjetivos **festeiro** e **extrovertido** podem ser relacionados ao fato de os representantes de sociedades com o modelo de cultura multiativa serem consideradas **calorosas**.

A afirmação de que os brasileiros estão sempre felizes está relacionada ao aspecto reativo da nossa cultura que privilegia, entre outros fatores, a harmonia

coletiva e a proteção da face. Portanto, uma atitude positiva é sempre melhor aceita socialmente, mesmo que não reflita a realidade vivida pelo indivíduo.

3.6. As Categorias de Hofstede e a Capoeira

Como vimos no capítulo 2, Hofstede propôs seis dimensões das quais abordaremos apenas três neste estudo. A primeira delas, a distância de poder, ou distância hierárquica, refere-se ao quanto os membros menos favorecidos de uma organização ou instituição (como a família) de um país aceitam e esperam uma distribuição desigual de poder na sociedade. O Brasil, por figurar na 26ª colocação entre os 74 países pesquisados, com um escore de 69, indica uma tendência ao alto nível de distância hierárquica.

Certos aspectos concernentes a essa categoria já foram de certa forma contempladas quando estudamos a dimensão multiativa de Lewis e as questões da hierarquia e da lealdade, que aqui serão ratificadas com outras observações privilegiando este tópico.

Dessa forma, podemos afirmar que a figura do mestre está para a capoeira, assim como a do chefe está para a sociedade brasileira. As características que se esperam de um chefe brasileiro, no contexto de alta distância hierárquica, também são notadas no mestre de capoeira. Quanto mais tradicional, maior a dependência do mestre para as ações do jogo. Ele é o responsável pela duração de cada jogo, pela escolha do ritmo da roda e até dos capoeiristas que jogarão entre si.

Embora esta pesquisa não tenha por objetivo tratar a capoeira como uma cultura organizacional, este aspecto será levado em conta para que mais características sobre a distância hierárquica possam ser aventadas aqui. Atualmente, sistemas de graduação similares às faixas de outras artes marciais são adotados por diversos grupos de capoeira.

A ABADÁ-CAPOEIRA, associação de capoeira visitada nesta pesquisa, adota um sistema de cordas coloridas cuja hierarquização é centrada na figura de um grão-mestre. A partir daí, uma sucessão de títulos são concedidos aos demais integrantes de acordo com o tempo, desempenho e dedicação ao grupo. Cada um depende do seu imediato superior, e substituem a figura onipresente deste,

representando-o na sua ausência. Assim, em ordem decrescente, temos mestres, mestrados, professores, instrutores e graduados.

Tanto em sistemas mais puristas quanto em outros mais modernos, a figura do mestre, e a obediência que se deve a ele é corroborada, quer seja através do exercício de suas funções na roda ou pelo que ele representa enquanto entidade para uma associação.

É nessa mesma perspectiva que outra dimensão presente na sociedade brasileira segundo Hofstede pode ser observada: o coletivismo. A divisão da capoeira em grupos coesos, cujos membros devem a eles lealdade inquestionável, constitui um importante reflexo do povo brasileiro, que possui no conceito de núcleo familiar estendido a tios, avós e primos, um exemplo recorrente de forte adesão a grupos.

A lealdade, que também fora abordada aqui como uma característica de sociedades adeptas das culturas multiativas, é reiterada nesta dimensão de Lewis, uma vez que a mesma garante a fidelização de um aluno a uma determinada escola de capoeira ou mestre.

Como vimos em 3.5, o capoeirista “pula-moita” (aquele que troca de mestre) é mal visto pelos seus pares. Ele passa a ser uma espécie de desertor e é acusado de ser oportunista, pois trocaria de escola com o intuito de pular etapas do seu desenvolvimento.

Os grupos costumam compor hinos em forma de cantigas de capoeira para que sejam executados nas rodas e cantados por todos os presentes funcionando tanto como uma ovação ao grupo quanto como uma marcação de território, pois, mesmo que seja uma roda na rua e seus integrantes não estejam trajando o uniforme da escola de capoeira, é possível identificar qual grupo é o responsável pelo evento.

Sou ABADÁ-CAPOEIRA
 Sou Capoeira ABADÁ
 Sou ABADÁ-CAPOEIRA
 Quando o berimbau tocar
 [...]

 Viajando pelo mundo,
 Onde o berimbau me levar,
 Sempre me sinto em casa,
 Onde tiver Abadá.
 (Pretinho).

A primeira estrofe, que também é o refrão repetido ao longo da cantiga, cumpre a função de identificar o grupo, já a estrofe transcrita logo após reforça a unidade do grupo, independentemente do quão grande ele seja e de quantas filiais ao redor do mundo haja. Ser capoeirista confere um status de pertencimento a um grupo social representativo da cultura brasileira em qualquer lugar do mundo. O grupo de capoeira é um segundo recorte nesse sentido.

Podemos fazer um paralelo com o futebol, todos os brasileiros somos torcedores da Seleção Brasileira, porém, há os times de futebol que nos dividem e congregam. Assim como torcer por um time e não por outro constrói um brasileiro socialmente, pertencer a um grupo e não a outro constrói um capoeirista da mesma forma.

Assim, os capoeiristas entrevistados de Manhattan podem ter sido, de certa forma, influenciados por sua relação com a capoeira a fazer uma avaliação positiva do povo brasileiro, que, por sua vez estaria mais receptivo ao fato de os estrangeiros em questão serem praticantes de capoeira. Com relação ao povo brasileiro, houve uma tendência a concordar com adjetivos positivos e negar ou mesmo ignorar os que apresentavam carga negativa, como podemos ver no gráfico 1 do apêndice A.

Ambas as categorias de Hofstede (distância de poder e coletivismo) são repetidas na estrutura da capoeira a partir do que é encontrado na sociedade brasileira. Sua percepção só é possível a partir da imersão no cotidiano da capoeira e da vivência nas rodas e treinos.

Da mesma forma, a última das dimensões de Hofstede selecionada para esta pesquisa, o nível de Masculinidade da sociedade brasileira, pode ser percebida pelo estrangeiro através da prática da capoeira. Como vimos no capítulo 2, o escore de 49 atribuído ao Brasil nesta dimensão o posiciona bem no meio. Os aspectos valorizados por essa categorização são o nivelamento com os outros, o consenso e a simpatia pelo oprimido. Evitar conflitos na vida profissional e pessoal também é valorizado.

Com relação ao nivelamento com os outros, as cantigas também fornecem elementos que comprovam esse aspecto.

Pra jogar a Capoeira
tem idade não senhor
Gordo, velho, magro, moço

tem que ser improvisador
 Curva de rio
 (Mestre Charm In: CD - Abadá-capoeira (2) - Mestre Camisa
 (org.)).

Segundo a cantiga, a capoeira não impõe limites de idade ou tipo físico para a sua prática. Um verso de outra cantiga de capoeira é uma frase de Mestre Pastinha na qual ele afirma “Capoeira é pra homem, menino e mulher.”.

O nivelamento entre os sexos também é um retrato da sociedade brasileira atual, as mulheres já ocupam posições de destaque, lideram grupos, como acontece na Ilha de Manhattan, onde Mestranda Edna Lima supervisiona o trabalho desenvolvido por Furacão e Aeróbica, entrevistados para esta pesquisa, e até participam de competições sem categorias de peso ou divisão por sexo.

Mas o que me impressionou neste evento do Rio foi a participação das mulheres capoeiristas. Não me recordo de nenhum outro esporte, muito menos de luta, onde elas competem de igual para igual com os homens. Achei muito inspirador ver as meninas enfrentando homens tão treinados quanto elas, mas com peso e força muito superiores. Essas guerreiras nos mostram que o medo é uma coisa psicológica que pode ser controlado e superado com o treino e a autoconfiança. (WAINER, Felipe. Disponível em <http://sportv.globo.com/platb/sensei/2009/06/25/na-capoeira-homens-e-mulheres-em-igualdade-de-condicoes/> Acessado em 04 de março de 2013.).

Por fim, a questão de se evitar conflitos de ordem pessoal e/ou profissional também aparece como uma característica da cultura brasileira nesta categorização. Em princípio, o jogo de capoeira não costuma ser violento, mas sim um simulacro de uma luta. Explorar possibilidades e demonstrar o que poderia ser feito em vez de realmente fazê-lo demonstra habilidade corporal e preserva a integridade física do adversário. Essa atitude é recorrente em apresentações ao público em geral e em eventos para capoeiristas iniciantes e crianças. Porém, em determinadas rodas nas ruas ou mesmo em recintos fechados onde há somente capoeiristas, essas “regras” podem ser ignoradas e acertar um golpe contundente sem piedade pode conferir a um capoeirista um status semelhante ao que outrora preservara o outro jogador.

Usando a mesma escala empregada nas demais tabelas, fizemos as seguintes afirmações:

TABELA 8

Afirmação	Média
Capoeiristas e o povo brasileiro não gostam de brigar ou discutir	2,73
Mas eles o fazem...	3,44

FONTE: Trabalho de campo. Novembro-Dezembro/2012.

O resultado demonstra um desconhecimento desta característica. Apesar de a formulação das últimas perguntas ter sido até tendenciosa em função da hipótese levantada a partir da teoria, a resposta média perto do escore 3 (não sei), demonstra que esta não é uma característica do povo brasileiro refletida na capoeira, talvez até pelo caráter marcial muitas vezes assumido por seus praticantes em determinados contextos.